

Disciplina: Alterações metabólicas da obesidade mórbida (DIP CIR845)

Prof: Maria Isabel T. D. Correia

Aluno: Helem de Sena Ribeiro

Como anda a percepção do indivíduo obeso sobre saúde?

A obesidade é uma epidemia global, crescente nas últimas décadas. Porém, os esforços para a prevenção da mesma ainda não alcançaram resultados adequados. De tal sorte que existem previsões para aumento da prevalência da obesidade, o que continuará afetando a saúde e a economia da população (OMS, 2008).

A obesidade é fator de risco para doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como diabetes, doenças cardiovasculares, acidente vascular cerebral, doenças respiratórias, dentre outras. Além de afetar qualidade de vida, reduzir a expectativa de vida, levar à estigmatização e discriminação dos indivíduos portadores da doença, causa grande impacto nos sistemas de saúde (OMS, 2008, Sikorskiet al., 2012). Mas será que os indivíduos obesos têm conhecimento dessas consequências advindas do excesso de peso na saúde?

Estudo publicado este ano mostrou que indivíduos obesos subestimaram o risco de desenvolverem doenças como hipertensão, artrite e reumatismo, que são enfermidades relativamente menos marcantes. No entanto, superestimaram o risco de terem ataque cardíaco, acidente vascular cerebral ou doença pulmonar obstrutiva crônica, doenças mais impactantes por terem custo mais elevado e consequências drásticas na saúde (Winter and Wuppermann, 2013). A expectativa média subjetiva de vida, relatada por indivíduos obesos, diminui com o aumento do peso. Porém, a mesma é alta quando comparada com a expectativa de vida estimada para essa população. Além disso, esses indivíduos superestimam a probabilidade de viverem até os 75 anos de idade (Falba and Busch, 2005).

Estudo multicêntrico realizado na Europa, analisou a auto-avaliação de saúde de indivíduos com sobrepeso e obesidade. Os autores encontraram associações entre índice de massa corporal (IMC) e autopercepção de saúde, havendo relação inversa entre obesidade e saúde subjetiva. Contudo, os entrevistados de todos os grupos não associaram maior risco de desenvolver doenças como diabetes, doenças cardiovasculares, artrite e câncer, mostrando que existe baixa consciência da população em relação às consequências do excesso de peso. Ainda no mesmo estudo, foi visto que indivíduos que não se consideram com excesso de peso ou obesos são menos interessados com a saúde, e, portanto são mais propensos às consequências do excesso de peso (Pieniak et al. , 2009).

Percepção equivocada do peso já é bem documentada na literatura entre adultos com sobrepeso e obesidade. Esses indivíduos são mais propensos a a terem atitudes que aumentam a probabilidade de ganhar peso e têm menor probabilidade de planejar ou tentar perder peso. Além disso, têm menor motivação (não vêem necessidade de perder peso), são menos suscetíveis a terem alimentação saudável e serem fisicamente ativos (Duncan et al., 2011).

Em geral, pessoas com sobrepeso reconhecem que estão acima do peso, mas principalmente os homens, não sabem estimar o quanto acima. Em contrapartida, indivíduos obesos subestimam o próprio peso e não reconhecem que esse representa risco para a saúde. A subavaliação do peso já foi associada com sexo, raça/etnia, educação, renda e, principalmente, com o não reconhecimento do peso atual representar um risco para a saúde (Gregory et al., 2008<sup>a</sup>). Ter maior percepção dos riscos de saúde relacionados com o excesso de peso está diretamente associado com a intenção de prevenir o ganho de peso. Ou seja, indivíduos que não reconhecem esses riscos representam maior desafio para promover comportamentos saudáveis nessa população (Gregory et al., 2008<sup>b</sup>).

Estudo realizado no Brasil, com mulheres obesas entre 20 a 59 anos, mostrou que as entrevistadas não se percebem obesas. Ao relatarem como se vêem, elas se descrevem como “gordas”, “gordinhas” ou “bem fortes”. A palavra obesidade foi termo restrito, usado apenas em situações consideradas como limite, tendo conotação negativa, atribuída ao excesso de peso, e que está presente em outras pessoas, mas não em si próprias. Outro fator preocupante encontrado no estudo foi que a percepção do aumento de peso só aconteceu após o surgimento de alguma complicação clínica - hipertensão, dislipidemia ou problema osteomuscular (Pinto and Bosi, 2010).

Potenciais riscos à saúde acarretados pela obesidade devem ser melhor comunicados e esclarecidos aos diferentes segmentos da população. Para que essa informação torne-se mais significativa, útil e eficiente deve-se identificar a população-alvo e, compreender as particularidades. Salientando que a educação nutricional deve voltar-se não só para indivíduos já obesos, mas também ser dirigida para crianças. Além disso, fatores subjacentes como saúde subjetiva e consciência do risco de desenvolver doenças crônicas devem ser considerados tanto no aconselhamento individual como no desenvolvimento de políticas de saúde pública.

### *Referências Bibliográficas*

- Brasil, POF 2008-2009 – IBGE, 2010
- Duncan et al., *Inter J Behav Nutr and Physic Act*, 8: 1-9, 2011
- Falba and Busch, *Obes Res*, 13: 754-761, 2005
- Gregory et al., *Obesity*, 16: 979–986, 2008
- Gregory et al., *Prev Med*, 47: 46–52, 2008
- Lewis et al., *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 7: 443-459, 2010
- Organização Mundial da Saúde - OMS, 2008
- Pieniak et al., *Appetite*, 53: 399–406, 2009
- Pinto and Bosi, *Physis*, 20: 443-457, 2010
- Selassie and Sinha, *Best Pract Res Clin Anaesthesiol*, 25: 1–9, 2011
- Sikorskiet al., *ScandJ Public Healt*, 40: 271–277, 2012
- Winter and Wuppermann, *Health Econ.*, Wiley Online Library, 2013